

**ENTRE OS (DIS)SABO-
RES DE UMA ALMA
ÁVIDA E O FORTUNO
BANQUETE AMO-
ROSO: A DELICIOSA
FONTE DOS PRAZE-
RES EM “O PESCA-
DOR E SUA ALMA”,
DE OSCAR WILDE**

*BETWEEN THE (DIS)
FLAVORS OF AN AVID
SOUL AND THE FOR-
TUNE LOVING BAN-
QUET: THE DELICIOUS
SOURCE OF PLEASU-
RE IN “THE FISHER-
MAN AND HIS SOUL”,
BY OSCAR WILDE*

**Francisca Júlia da Silva Soares,¹
Vanalúcia Soares da Silveira²**

1 Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), São José da Lagoa Tapada, Paraíba, Brasil. e-mail: frjulias08@gmail.com.

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Sousa, Paraíba, Brasil. e-mail: vanalucia.silveira@ifpb.edu.br.

Resumo: O indivíduo que não impõe ao outro sua própria felicidade, mas que persegue sua satisfação no bem ou em algo absoluto, fabrica o conceito da autenticidade e veracidade do amor. Tais perspectivas traçam condutas que vigoram no sujeito, tal qual em escritos literários. Sob gulosos e apaixonantes traquejos da alma humana, encontra-se o conto “O pescador e sua alma” (1891), do irlandês Oscar Wilde. Entre a glória do amor e os delitos de uma alma sem coração, anualmente o pescador se encontra com sua própria natureza (re) negada e, por tentações, alimenta-se do venenoso e do divino que os prazeres podem causar. Diante das iguarias saborosas narradas no conto, “O pescador e sua alma”, nas entranhas íntimas da fase oral, articulam a atuação da organização psíquica do sujeito, precisamente a atividade do id, ego e superego no desenvolvimento pós-nascimento, bem como a influência ao longo da vida. Por tal fortune, a presente palestra propõe a discussão das instâncias psíquicas presentes na composição literária de “Wilde” e examinar o apetite de um sujeito mediante o sustento físico e psíquico. Como arcabouço teórico, recorrer-se-á à psicanálise para mediar o diálogo entre o conto e a teoria de Winnicott acerca da alimentação e memória da criança e o que postula Freud em seus escritos que regem a criação humana.

Palavras-Chave: Literatura, Psicanálise, Oscar Wilde.

Abstract: The individual who does not impose their own happiness on others, but rather who pursues their satisfaction in the good or in something absolute, creates the concept of the authenticity and veracity of love. Such perspectives outline behaviors that prevail in the subject, just like in literary writings. Under greedy and passionate trappings of the human soul, we find the short story *The Fisherman and His Soul* (1891), by the Irishman Oscar Wilde. Between the glory of love and the crimes of a heartless soul, every year the fisherman finds himself with his own (re)denied nature, and, through temptations, feeds on the poisonous and divine pleasures can cause. Faced with the tasty delicacies narrated in the story, the fisherman and his soul, in the intimate depths of the oral phase, articulate the performance of the subject's psychic organization, precisely, the activity of the id, ego and superego in post-birth development, as well as the influence throughout life. For this reason, this lecture proposes the discussion of the psychic instances present in “Wilde's” literary composition and

examining a subject's appetite for sustenance, physical and psychic. As a theoretical framework, psychoanalysis will be used to mediate the dialogue between the story and Winnicott's theory about children's nutrition and memory and what Freud postulates in his writings governing human creation.

Keywords: Literature, Psychoanalysis, Oscar Wilde.

Introdução

As vias que a literatura tem percorrido aplacam os espaços simbólicos, cada um em sua característica particular. Dentre múltiplas subáreas, encontra-se a cultura gastronômica que fabrica indicações de hábitos alimentares que corroboram. Como os modos, tipos, atitudes ou maneiras de agir das personagens, a literatura gastronômica altera o humor e estabelece diálogos profícuos em significados, entre a cultura representada de um lugar, a conduta alimentar utilizada como referência e como essas duas informações chegam à psique. Em qualquer localidade, a comida é, ocasionalmente, apreciada por seu cheiro e sabor e, em consequência, tem se transfigurado em temáticas pertinentes para as artes, e precisamente para a literatura. Apesar de ser uma prática não discursiva, a alimentação é observada como um instrumento metafórico pelo qual o indivíduo discorre desde suas relações com o alimento aos caminhos que a mesma cria, fisicamente e psicologicamente.

A gastronomia tem permeado as páginas da literatura universal, pois historicamente as comemorações e vitórias dos feitos humanos, como as guerras, sempre foram banhadas de delícias e prazeres proporcionados por banquetes, refeições extremas, que eram ofertadas por reis e imperadores aos hóspedes.

A idade média adianta uma supervalorização da descrição de alimentos e pratos culinários que tomaram formas escritas em cadernos de receitas e também em obras literárias. O alimento toma forma de necessidade inerente ao ser humano, que o provê uma vida saudável e o sustento físico. Dentro do que rege as leis divinas para a religião cristã, o alimento significa um caminho que pode representar a fidelidade do cristão, desde a aquisição de hábitos alimentares até os cortes determinados, como o jejum. Dentro da igreja, quando ainda na infância, o aprendizado dos 5 mandamentos bíblicos é essencial para a relação com Deus; entre essas leis religiosas, destaca-se o ato de jejuar e abster-se de carne, conforme ordena a “Santa Mãe Igreja”. Em 1983, o Código de Direito Canônico prescreve outras idealizações, sancionado pelo Papa João Paulo II, em que os dias e tempos penitenciais, para os todos os fiéis da Igreja, são todas as sextas-feiras do ano e o tempo de Quaresma. O valor da penitência é destacado precisamente em dois períodos, sendo a Quarta-Feira de Cinzas e a Sexta-Feira Santa, seguindo a estrutura de que o jejum é para aqueles entre os 18 e os 60 anos, e a abstinência aos que superaremos aos catorze anos. Esse recorte alimentício provocaria a misericórdia de Deus e aproximaria com fidelidade a ele.

Em 1986, a Legislação complementar ao Código de Direito Canônico, composta pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, regressou e tornou mais específica a orientação concedida pela Santa Sé, o Ofício ou a Função do Romano Pontífice, tornando um ideal de comportamento adotar toda sexta-feira do ano como um dia de penitência. Desse modo, os fiéis, nesse dia, devem se abster de carne ou outro alimento que provavelmente preenche-

los-ia de prazer, ou a exclusão de práticas que gerem de algum modo a penitência, precisamente também são apoiadas obras de caridade e exercícios de piedade. Assim, o alimento ou a falta dele preenche um sujeito, moldando sua vida, desde as esferas sociais às religiosas. Dentro das mediações literárias, como um instrumento de sedução das personagens, o alimento denuncia as múltiplas relações entre os seres humanos. É possível observar essa (des)união em importantes contos que têm o selo da sedução como título: o pescador e alma. Eis que o objetivo do presente artigo é observar os comportamentos das personagens no título e perscrutar as reações resultante da fome humana.

A dimensão religiosa acerca do alimento

Na liturgia cristã, a Páscoa promove uma celebração pela ressurreição de Jesus Cristo, três dias após sua crucificação. Na Sexta-feira Santa, também denominada como Sexta-feira da Paixão, Jesus Cristo, filho de Deus, foi culpado, carregou uma cruz e foi crucificado. Na época, a carne era artigo de luxo, rara à mesa de famílias pobres, e como substituto, o peixe era mais abundante e barato, sendo mais comum a mesa humilde de pessoas pobres. Para os cristãos, é um dia de sacrifícios em sinal de comiseração pela morte de Jesus; ao não comer do mesmo alimento que nutriu os responsáveis pela morte de seu salvador, a população declarou sua humildade e penitência, tornando uma prática comum para quem segue a religião. Ao trocar a carne pelo peixe, não somente existe uma adoção de simplicidade, mas um ato de contrição pelos sofrimentos de Jesus e repulsa pela glória em que festejavam os assassinos pós-morte. Assim, não basta comer frutos do mar: a refeição tem de ser simples e, além

de ser à base de peixe, é crucial evitar quaisquer outros prazeres no dia. No Sábado de Aleluia, os cristãos refletem no fim da vida de Jesus e no domingo experimentam a renovação de suas esperanças celebrando a ressurreição de Cristo e a promessa da remissão dos pecados para a vida eterna. Após a morte de Jesus, ele surge para seus discípulos e questiona se tem algo para comer; ao responderem que não, o filho de Deus altera a situação. “Jesus disse-lhes: ‘Lançai a rede à direita da barca, e achareis’. Lançaram pois a rede e não conseguiam puxá-la para fora, por causa da quantidade de peixes. Então, o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: ‘É o Senhor!’” (Jo 21, 1-14).

Efetivamente, se o remédio dos alimentos não nos socorrer, a fome e a sede tornam-se tormentos que abrasam e matam como a febre. Ora, estando este remédio sempre ao nosso alcance, graças à liberalidade dos vossos dons que faz com que a terra, a água e o céu sirvam à nossa enfermidade, chamamos delícia a tal desgraça (Agostinho, 2011, p. 244).

Para Santo Agostinho (1984), a memória seria como o estômago da alma, sendo a alegria e a tristeza o alimento que é doce, prazeroso, mas que pode ser amargo, que causa desprazeres. Essas emoções por vezes são confiadas à memória, possibilitando que elas sejam despertadas, como num estômago. Entretanto, perderiam o sabor, não sendo completamente equivocado comparar sentimentos com alimentos, pois ambos se assimilam. Assim, a ideia religiosa é compatível com a memória além da prudência, pois se o alimento poderia saciar a fome do corpo, o jejum alimentaria a fome da alma, estabelecendo uma união entre alimento e alma. Essa concepção torna-se fortificada após a bíblia estabelecer que se “a lei e os profetas se resumem no amor

a Deus e ao próximo” (Mt 22, 40), para o jejum não é diferente. Para acolher e viver o amor sagrado, o coração precisaria estar limpo e livre. Santo Agostinho descreve como o vazio precisa ficar cheio, sendo crucial o sujeito ser preenchido de bens para esvaziar o mal. Assim, o bispo se refere ao alimento como remédio, algo crucial para a cura de coisas ruins, para algo sem ordem. Para tudo isso, a memória é uma fonte inesgotável que faz a mente recordar e reprimir comportamentos e desejos.

Os campos psicanalíticos desmembram a necessidade vital humana: o alimento

Segundo o psicanalista inglês Winnicott (2005), é no primeiro ano de vida da criança que vão se delinear as primeiras marcas do desenvolvimento emocional da pessoa humana. Os contornos da personalidade, do caráter e dos gostos vão sendo transfigurados inicialmente através das tentativas sensoriais de prazer e desprazer que o bebê perpassa. Os sentidos do paladar e do tato são os primeiros de inúmeras sensações que provocam curiosidade; contudo, a imagem de uma mãe amamentando, nutrindo, aponta bem essa noção de construção, de integração das experimentações prazerosas e sem prazer. A identificação menciona o “começo da criança” enquanto sujeito em formação, como um recém-chegado ao mundo, experimentando a “continuidade da existência”. Não significando que ocorra uma identificação com a figura materna, isso ocorre, pois, a criança não tem nenhum conhecimento consciente de qualquer objeto externo ao self, que representa a essência do sujeito, esse por se encontrar na fase de desenvolvimento, não sendo utilizado em uma experiência subjetiva. O que se apresenta é um conjunto de tentativas que constrói o self por meio das memórias e expectativas

que as situações iniciais partilhadas proporcionaram, pela dupla mãe-bebê, como postula Winnicott (2005, p. 25, grifo, *apud* Psicologia Clínica, 2016):

O self de cada criança ainda não se formou, e logo não pode ser visto como estando fundido, mas as memórias e expectativas podem agora começar a acumular-se e formar-se. Devemos lembrar que estas coisas só ocorrem quando o ego da criança é forte, por ser reforçado.

Ao nascer, o bebê ainda não está com sua psique totalmente construída, o que necessita de um ambiente – precisamente a mãe – que destaque conjunturas indispensáveis para proporcionar a experiência de pacificidade e sustentação física, emocional e psicológica. Winnicott (2005) denominou essa situação como *holding*, ao tratar de como no início a criança se depara em um estágio de dependência absoluta, necessitando de um vínculo fusional com quem provém sua existência física, a mãe. A porção que a situação maternal se constitui na vida da criança, ou seja, seu contato com o seio-mãe, de maneira estabelecida e regularizada, permite que progressivamente o bebê passe a vivenciar um processo em que Winnicott pondera dependência relativa. A criança passa a minimizar gradativamente o vínculo fusional, possibilitando aos poucos uma liberdade da obrigação contínua da figura materna presente, ocasionando o estágio de independência, no qual o bebê passa a compreender que é como um sujeito separado da mãe, passando a diferenciar algo interior a si mesmo de algo que lhe é exterior.

Segundo Winnicott (2013, p. 268), “a partir dessas considerações é possível perceber o quanto a amamentação contribui para o desenvolvimento do bebê, desde o estágio

de dependência absoluta, por incrementar o caráter fusional do vínculo, em que a díade mãe-bebê se configura numa unidade”. O estágio da independência passa a se consolidar progressivamente, contribuído pelo afastamento gradativo da mãe, o que inicia uma maior regulação ao se alimentar, as frustrações e falhas maternas após ficar sozinho passam a ser menos frequentes, sendo crucialmente inerentes para que o bebê amplie seu potencial, “tornando-se um sujeito que se comporte mais ativamente e consolide seu desenvolvimento” (Winnicott, 2013, p. 268). Originalmente, o alimento nunca está cindido das sensações de prazer, excluindo os casos de extrema necessidade nutricional, pois o “chuchar” do bebê apresenta-se como um bom exemplo. De acordo com Freud (1996), o “chuchar” é uma ação de sugar com leite, que pode persistir por toda a vida da pessoa e que por sua vez exclui qualquer propósito nutricional em favor de uma reação motora prazerosa. Esse leite é uma experiência que pode ser observada em todos nós, humanos:

É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança - mamar no seio materno (ou em seus substitutos) - há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foram sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas (Freud, 1996, p. 171).

O seio materno ou, ainda, um possível substituto, atrela-se a um meio em que o bebê poderá se alimentar. Contudo, além do papel da alimentação no sentido da saciar a fome, dúvidas necessárias se desenham nesse momento primitivo e primordial da vida de uma criança. Freud aponta como o “chuchar” causaria o prazer que o bebê extrai da alimentação, acima da satisfação da fome, posicionando uma satisfação autoerótica que inicia a boca como uma zona erógena. Bem no início, na primitiva fase oral do indivíduo, investimento objetal e identificação provavelmente não se distinguem um do outro. Só podemos supor que mais tarde os investimentos objetais procedem do Id, que sente como necessidades os impulsos eróticos.

O Eu, no início ainda fragilizado, compreende os investimentos objetais, aprovando ou procurando um meio de afastar através do processo da repressão. Se por acaso um objeto sexual deve ou tem de ser abandonado, provavelmente o Eu sofrerá uma alteração, sendo fundamental descrever como fundação do objeto no Eu. Possivelmente, com essa introjeção, que funciona como uma categoria de regressão ao mecanismo da fase oral, o Eu retorne ou permita esse regresso ao abandono do objeto. Freud determina como o ato da criança de chuchar retrata a busca de um prazer significativo e que agora é repassado. Desse modo, o chuchar deriva-se da alimentação e logo em seguida dissocia-se dela, pois a criança vai se fortalecendo e vivenciado novos sabores. Entretanto, a comida tem a capacidade de produzir o mesmo prazer que o leite materno, ou produzir desgosto.

As interpretações famintas de uma alma sem amor e do corpo em desejo

Oscar Wilde atuou como um influente escritor, poeta e dramaturgo irlandês. Foi reconhecido pelas sagazes colocações, como também pelo estilo peculiar de se vestir extravagante, como um dândi; sua habilidade de dialogar e discutir de maneira espirituosa e rica em sarcasmo, ironia e cinismo marcou toda sua vida e presença social. Wilde é considerado uma personalidade marcante de sua época, um dos dramaturgos mais populares de Londres, pela genialidade ao escrever. Em seu conto “O pescador e sua alma”, parte integrante da reunião feita em Contos completos, há a transformação da alma humana em um objeto truncado do corpo, que não se constitui apenas de desejo, mas de um empecilho à realização amorosa, tornando crucial ao protagonista separar-se de sua parte imortal (alma), apresentada como sua sombra:

Todo o entardecer o jovem Pescador ia para o mar e arremessava a rede na água. Quando o vento soprava vindo da terra, ele não apanhava nada, ou muito pouco, no máximo, pois era um vento cortante, de asas negras, e ondas encrespadas erguiam-se para recebê-lo. Mas quando o vento soprava para a costa, os peixes vinham do fundo, nadando para as malhas da rede; então ele os levava para o mercado e os vendia. Todo o entardecer ele ia para o mar, e certa tarde, a rede estava tão pesada que ele quase não conseguiu puxá-la para dentro do barco. Ele riu, e disse a si mesmo: “Certamente eu peguei todos os peixes que nadam, ou capturei algum monstro sombrio que deve maravilhar os homens, ou alguma coisa de horror que a grande Rainha desejará”, e empregando toda a sua força,

ele arrastou as cordas toscas até que, como linhas de esmalte azul em torno de um vaso de bronze, veias compridas emergissem em seus braços. Puxou as finas cordas, e aproximando-se mais e mais veio o círculo de cortiça lisa, e por fim a rede surgiu fora da água. Mas não havia nenhum peixe nela, nenhum monstro ou coisa de horror, apenas a pequena Sereia jazia profundamente adormecida (Wilde, 2012, p. 103).

O conto relata a história de um jovem pescador que, após pescar uma sereia em alto mar, é fisgado por uma paixão complicada e poderosa, ao desejar vivenciar esse amor. Ao puxar a pesada rede, o pescador se encontra em uma situação fantástica, deparando-se não com um grande peixe, como imaginava, mas com uma pequena sereia em sono profundo: “Tão linda ela era que, ao vê-la, o Jovem Pescador ficou totalmente arrebatado” (Wilde, 2012, p. 103). A partir desse momento, o personagem começa a viver conflitos: a impossibilidade desse amor e o corte da sua alma. O rapaz depara-se com uma grande escolha: livrar-se de sua parte mortal, a alma, e viver com a amada no mar. “Mas como poderei mandar embora minh’alma?, clamou o jovem Pescador. Diga-me como poderei fazê-lo, e veja como eu o farei!. Ah! Eu não sei, disse a pequena Sereia: O povo do mar não tem alma” (Wilde, 2012, p. 104).

Em uma missão quebradiça e tortuosa, a busca por esse corte metafísico revela os condicionantes de um relacionamento inverossímil, mas que consome e alimenta um Ego. Envaidecido com a ideia de satisfazer a união com um objeto de amor, o pescador recorre aos padres, ao mercado de uma cidade próxima, no intento de rasgar os impedimentos da sua felicidade. Após a separação de sua alma, realizada por uma feiticeira, a alma

antecipa acontecimentos e sugere que siga sua vida com o coração do pescador, que por sua vez nega o pedido. “Ele meneou a cabeça e sorriu. Com quê amarei meu amor se der a ti meu coração?, exclamou. Não poderias... mas sê misericordioso, disse a Alma: dê-me teu coração, pois o mundo é muito cruel, e estou com medo” (Wilde, 2012, p. 105). O pescador une-se a sua amada na vida em alto mar, entretanto, anualmente sua alma e ele encontravam-se e esta sempre implorava o retorno ao corpo. A alma tenta, incessantemente, regressar para o corpo, e faz isso com várias performances, contudo, o desejo do pescador é viver com sua amada e o da alma é regressar, o que causaria um afastamento entre os apaixonados. A marca desse conflito permite observar os traços de atuação do Id, que está sendo exemplificado na alma, em tantos dos seus comportamentos, que objetiva desarticular o pescador para que, assim, possa retornar ao corpo:

A Alma tentou-o, dizendo: “Quem é teu amor, que não podes retornar a ele? O mundo possui muitas moças mais belas que ela. Há a bailarina de Samaris, que dança igual a todos os pássaros e animais. Seus pés são pintados com henna e nas mãos ela traz sininhos de cobre. Eles riem enquanto ela dança, e seu riso é tão límpido quanto o riso da água. Venha comigo e eu a mostrarei a ti. Por que te preocupas com coisas pecaminosas? Acaso o que dá prazer ao paladar não foi feito para aquele que deseja comer? Há veneno naquilo que é doce de se beber? Não te aflijas, venhas comigo à outra cidade. Existe uma cidadezinha aqui perto em que há um jardim de tulipas. E nesse agradável jardim moram pavões brancos e pavões de peito azul. As caudas, quando eles as abrem no sol, são como discos de marfim e discos dourados. E aquela que os alimenta, dança para que se deliciem; às vezes ela dança

com as mãos e outras vezes, com os pés. Seus olhos são pintados com antimônio e suas narinas têm a forma de asas de andorinhas (Wilde, 2012, p. 115).

A Alma, por muitas vezes, busca fascinar o pescador com os encantos do mundo, que um dia vivenciou, o prazer que as situações a causou não conseguiu amenizar a solidão que se tornou sua vida após o corte violento causado pelo apaixonado. Freud (1989) nos diz que os sentimentos de prazer e desprazer são o que predomina sobre todos os estímulos externos. A percepção do prazer e do desprazer é o que primeiro sinaliza acerca do que está acontecendo no interior psíquico. Sendo assim, as sensações de prazer e de desprazer são sinais. Esses são apresentados pela sombra do pescador, como os lugares e comidas fascinantes que um dia experimentou e que no momento de encontro com seu dono busca influenciar pelos instintos orais, da fala e da culinária, regressando à fase oral como uma fase de prazer e influência. Nessa via, Alma vai encantando o seu proprietário, esse, por sua vez, seguramente garante o regresso de sua parte mortal; apesar da benevolência do ato, o amor o preencheu, não restando espaço. “Ai de mim!, lamentou a Alma, não consigo encontrar nenhum lugar por onde possa entrar, tão cercado de amor encontra-se teu coração. Mesmo assim gostaria de poder ajudar-te, disse o jovem Pescador” (Wilde, 2012, p. 116).

Após a tentativa de ajudar o amigo, o jovem pescador perde sua amada; os desejos de alimentar-se de bondade e empatia o nutriram potencialmente, permitindo que seu pacto com a amada fosse quebrado, espalhando os prenúncios da morte. Em uma tentativa de preencher-se novamente do prazer experimentado até os últimos tempos, ao avistar sua amada

sereia morta, o pescador busca apreciar sua dor, algo que era um mistério para ele, beijando-a apesar da ferida recém-aberta; o prazer novamente é alimentado. “Ele atirou-se ao lado dela na areia, chorando como alguém trêmulo de prazer, e nos braços bronzeados ele a envolveu contra o peito” (Wilde, 2012, p. 116). Apesar da calidez da morte, a frieza do objeto amado ainda provou as rudezas do amor, quando posto como centro da felicidade: “Salgado era o mel dos cabelos, ainda assim ele o provou com amarga alegria. Beijou as pálpebras fechadas, úmidas não tanto pela água salgada quanto pelas lágrimas que ele derramava em profusão” (Wilde, 2012, p. 116).

Conclusão

A Psicanálise postula que todo ser humano adota formas específicas e singulares para lidar com qualquer sentimento de desprazer, uma vez que o aparelho mental do homem, dentro dos conceitos psicanalíticos, é conduzido e dominado pelo Princípio do Prazer. Uma das formas do sujeito lidar com o desprazer é projetar para fora, para a realidade externa a responsabilidade, com uma origem desses estímulos que causa a angústia, amargura etc.; a busca por driblar externamente surge como um mecanismo de defesa. O pescador, ao conduzir a alma para dentro, como um ato empático por todos os inoportunos que ela tinha experimentado, acaba por trair a confiança da amada, e esta, por sua vez, morre após a troca. Nesse momento ele perde também o coração, e sua alma retorna ao corpo.

Seguramente tu podes entrar”, disse o jovem Pescador, “pois nos tempos em que vagavas pelo mundo sem coração, deves ter sofrido

muito”. “Ai de mim!”, lamentou a Alma, “não consigo encontrar nenhum lugar por onde possa entrar, tão cercado de amor encontra-se teu coração”. “Mesmo assim gostaria de poder ajudar-te”, disse o jovem Pescador. E quando disse aquilo, veio do oceano um grande lamento de pesar, igual ao choro que os homens escutam quando morre alguém do povo do Mar. O jovem Pescador deu um salto, deixando a cabana de juncos, e desceu correndo para a enseada. Ondas negras vinham apressadas para a praia, trazendo consigo um fardo que era mais branco do que prateado. Branco como a rebentação ele era, e balançava como uma flor sobre as ondas. A rebentação tomou-o das ondas, a espuma tomou-o da rebentação e a areia o recebeu, e jazendo a seus pés, o jovem Pescador viu o corpo da pequena Sereia. Morta a seus pés ela jazia. Chorando como alguém ferido pela dor, atirou-se ao lado dela, beijando os lábios vermelhos e frios, brincando com os úmidos cabelos de âmbar. Ele atirou-se ao lado dela na areia, chorando como alguém trêmulo de prazer, e nos braços bronzeados ele a envolveu contra o peito. Frios estavam os lábios, ainda assim eles os beijou. Salgado era o mel dos cabelos, ainda assim ele o provou com amarga alegria. Beijou as pálpebras fechadas, úmidas não tanto pela água salgada quanto pelas lágrimas que ele derramava em profusão (Wilde, 2012, p. 116).

Consequentemente, observa-se como o desprazer vem de fora, a impossibilidade do amor, a alma calejada e os inoportunos, concretizando a ideia de que não são performances internas, apesar da influência. Os mecanismos defensivos têm a função de proteger o sujeito de sentimentos desastrosos e angustiantes, que não conseguem ser observados, elaborados ou significados. Ou seja, um sujeito que não gosta de um alimento específico, não gosta de sua presença em outros pratos culinários, pois o

mesmo causa repugnância dentre tantas sensações de desprazer. Isso relaciona-se com as sensações torturantes vivenciadas em situações antigas e que deixaram “restos” mnêmicos que produzem na vida futura sentimentos/sensações desagradáveis.

O conto vivifica uma alma faminta e o amor que ultrapassa o real, de maneira simbólica; ao lidar com os traços gastronômicos, situa-se não somente um alimento expressivo como o peixe, mas também o quão forte pode ser a avidez da alma, reforçando o que destacou Santo Agostinho, em seus preceitos religiosos: se o alimento sacia a fome do corpo, o jejum sacia a fome da alma. E, segundo o evangelho, o verdadeiro jejum vai além da comida e da bebida: há a necessidade de os seres humanos praticarem o amor, como também praticam a alimentação. Então, o pescador ama e se submete a perdas por esse amor. Contudo, diante de uma alma sedenta para alcançar seu objetivo de retorno, a alma rompe com todas as estruturas físicas e psíquicas desse amor.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. (Coleção Vozes de Bolso).

BÍBIA. *Bíblia Sagrada*. Publicada por: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Salt Lake City, Utah, EUA: 2015.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Um caso de Histeria - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Vol. VII. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. Obras completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PAULO II, PAPA JOAO. *Código de direito canônico*. Edições Loyola, 1997. WILDE, Oscar. *Contos completos*. Porto Alegre: Landmark, 2012.

PSICOLOGIA CLÍNICA. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia. v. 28.2, 2016

WINNICOTT, Donald Woods. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.

WINNICOTT, Donald Woods. O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.